

APRESENTAÇÃO

Se alguma coisa há que marca de modo indelével estas primeiras décadas do século XXI é a velocidade das mudanças que vão acontecendo no chamado mundo do trabalho. Não são poucos os estudiosos que alertam, frente à complexidade da quadra atual, para a insuficiência revelada pelo velho esquema simplificado da luta de classes, sem prejuízo da permanência incontestada da lógica capitalista. São justamente as torções do processo de acumulação e dos movimentos que buscam a valorização do capital que estão na base dessas transformações. Os dois primeiros artigos deste número da *Revista da SEP* tratam da temática.

Ludmila Abílio, por conta de uma reflexão sobre os dez anos das manifestações de junho de 2013, não só traz à discussão a então chamada “nova classe média”, que foi às ruas uma década atrás, como flagra o ovo da serpente gerado pela perda de formas que vai desfigurando o mundo do trabalho *pari passu* com o aprofundamento da exploração. Combinam-se aí, para a geração de uma mudança substantiva na configuração das relações de produção, a informalização como forma de gestão, as corporações gigantes que oligopolizam a dataficação da vida e o despotismo algorítmico, entre outros fenômenos. Já João Leonardo Medeiros e Rômulo Lima enfocam outra face do mesmo processo de obscurecimento e indefinição, a saber, a “ideologia empreendedora”, uma conjunção da teoria do capital humano com a consolidação do empreendedorismo como campo de pesquisa a partir dos anos 1980. Para os autores, em ambas as formulações, a responsabilização pelo sucesso econômico recai sobre o

indivíduo, sendo evidente que o cotidiano de barbárie, que fratura mecanismos de solidariedade, tal como o que marca a atual quadra histórica, favorece a difusão desse tipo de ideia e as práticas a ela associadas.

Ainda nos marcos da reflexão sobre o atual estado da arte nas relações entre o capital e o trabalho, bem como sobre a capacidade deste último de atuar de forma a revolucionar o sistema, André Guimarães Augusto aprecia criticamente a conhecida e bastante debatida obra de Moishe Postone *Tempo, Trabalho e Dominação Social*, lançada em 1993 e publicada no Brasil em 2014. Para ele, da interpretação de Postone, o Marx que surge é apenas aquele que enfatiza a aparência de sujeito que tem o capital, ao invés daquele que ressalta a luta de classes e a exploração do trabalho.

Outro tema que tem retornado constantemente à agenda de pesquisas estruturada a partir da obra de Marx, é a indicação feita pelo grande pensador a respeito da existência de uma lei tendencial da queda da taxa de lucro — a qual poderia fornecer a chave da explicação dos problemas que contemporaneamente enfrenta o capital em seu movimento perpétuo de valorização. Bruno Prado Prates e Leonardo Gomes de Deus voltam a ela para defender que, apesar de revelar de forma concreta as contradições que constituem o modo de produção capitalista, a referida lei não pode ser tomada de forma preditiva, pois, segundo sua leitura, não é lícito extrair da categoria marxiana de lei a existência de qualquer tipo de determinismo econômico. As leis teriam aí simplesmente o papel de expor aquilo que é distintivo da produção fundada sob a lógica do capital.

Pensando na atuação dessa lógica num país periférico como o Brasil em tempos de abertura financeira total, Jéser Abílio esquadrinha o Projeto Porto Maravilha, desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro desde a lei municipal aprovada em 2009. O citado projeto pretendia promover o turismo internacional, atrair investimentos imobiliários e novos fluxos financeiros, efetivando, para tanto, uma série de ações que, conforme o autor, reproduzem as práticas de racialização típicas dos processos de desenvolvimento econômico. O autor parte do pressuposto, já demonstrado na literatura

contemporânea, de que as políticas econômicas e de desenvolvimento, principalmente no chamado “Sul global”, se fundam em coerção e violência estrutural, cujas especificidades são racializadas e constituem estratégia para a acumulação de capital.

Isto posto, podemos considerar que o presente número de nossa publicação exemplifica o amplo escopo de temas propiciado pela agenda de pesquisas que se desdobra da crítica da economia política de Marx. A despeito disso, boa parte dos cursos de economia hoje, tanto no Brasil quanto no mundo, ignoram o paradigma marxiano, e, em muitos casos, não só ele, como também o institucionalismo, o keynesianismo e outros *approachs* heterodoxos, concentrando-se exclusivamente no *mainstream* neoclássico, de extração ortodoxa. Não obstante o abalo provocado pela grande crise financeira internacional de 2008, a ortodoxia ainda predomina. Daí a necessidade premente e permanente da defesa do pluralismo na ciência econômica. Eis o tema de Theodoro Sposito, que confronta as recorrentes contestações de economistas da vertente convencional à perspectiva pluralista com possíveis respostas heterodoxas a cada ponto.

A hegemonia da ortodoxia, não só *intra muros* da academia como igualmente na grande mídia, é também a responsável pela enorme disseminação da ideologia da austeridade enquanto receita inescapável de política econômica, quaisquer que sejam os problemas a serem enfrentados. Nesse sentido, o livro de Clara E. Mattei *The Capital Order: How Economists Invented Austerity and Paved the Way to Fascism* (University of Chicago Press), lançado o ano passado, e resenhado por Bruno Toschi, vai resgatar a história para atacar esse despotismo teórico, entendido pela autora como uma sorte de invenção que funciona, sobretudo nos momentos de crise, como ferramenta “científica” para restaurar a ordem do capital, além de constituir elemento determinante a pavimentar a marcha das sociedades em direção ao fascismo.

Finalmente, cabe mencionar que este número abriga também a *Carta de Maceió*, elaborada no XXVIII Encontro Nacional de Economia Política,

realizado entre 6 e 9 de junho do corrente ano nas dependências da Universidade Federal de Alagoas. Mais uma vez o Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal) e o Conselho Regional de Economia do Rio de Janeiro forneceram o decisivo apoio material para que pudesse vir a público esta edição. Ficam aqui nossos sinceros agradecimentos.

Boa leitura!

Comitê Editorial